

DOI: 10.20911/21799024v14n2p84/2023

## **Crise da ou na Igreja? As consequências da imposição da fé**

**Pe. Calmon Rodovalho Malta, cmf**<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo, tem como objetivo ajudar nas discussões acerca da perspectiva teológica atual. Parte da abordagem do Frei Clodovis Boff, em sua obra intitulada a crise da Igreja e a Teologia da libertação. De acordo com o autor, a crise da Igreja, com a perda de fiéis, se dá pelo declínio de sua fé, o que discordo. Na primeira parte, contraponho a respeito do argumento apresentado pelo autor a respeito do declínio da fé da Igreja. Em seguida, analiso a premissa apresentada por ele, sobre o afastamento epistemológico da Teologia da Libertação atual. Concluo argumentando que é necessária uma análise menos ideológica das causas que levam ao êxodo de muitos batizados da Igreja, bem como a necessária e urgente adesão a fé por convicção e liberdade e não por imposição.

**Palavras-chave:** centralidade em Cristo. Crise. Adesão. Teologia da libertação.

**Summary:** This article aims to help in discussions about the current theological perspective. It starts from the approach of Friar Clodovis Boff, in his work entitled the crisis of the Church and liberation theology. According to the author, the crisis in the Church, with the loss of believers, is due to the decline of their faith, which I disagree with. In the first part, I oppose the argument presented by the author regarding the decline of the Church's faith. Next, I analyze the premise presented by him, about the epistemological departure from current Liberation Theology. I conclude by arguing that a less ideological analysis of the causes that

<sup>1</sup> Pertence a Congregação dos Missionários Claretianos. Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. Pós-graduado em Gestão Empresarial pela PUC-MG. Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Claretianas. Membro de Grupo de Pesquisa "Fé e Contemporaneidade" da FAJE.

lead to the exodus of many baptized people from the Church is necessary, as well as the necessary and urgent adherence to faith by conviction and freedom and not by imposition.

**Keywords:** centrality in Christ. Crisis. Accession. Liberation theology.

## Introdução

Recentemente, o Fr. Clodovis Maria Boff, OSM fez uma publicação intitulada *A crise da Igreja Católica e a Teologia da Libertação*.

Sua análise crítica a teologia da libertação (TdL) pode ajudar na percepção e significado do quando seu conteúdo é importante à Igreja e ao povo de Deus, inclusive àqueles que a desprezam imbuídos de pré-conceitos, falta de conhecimento, falas pouco verdadeiras, rótulos negativos, discurso falsos, como se ela não fizesse parte do conteúdo teológico de fé da católica.

Como toda teologia na Igreja, entre erros e acertos foi e continua sendo lapidada para seu maior brilho dentro do corpo teológico eclesial. Com ela, TdL, não foi diferente e é necessário deixar isso claro. Como bem disse São João Paulo II, na carta aos bispos do Brasil de 1986: "a teologia da libertação é oportuna, útil e necessária", em contínua conexão com a "Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, na época mais recente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja" (n.5,2). Ela tem muito a oferecer como reflexão, práxis e mística da fé, assim como deve exercer uma autocrítica acerca de suas inclinações.

As observações do professor merecem uma pausa de meditação, uma reflexão crítica, seja de dentro da teologia em questão, seja de fora dela. Do mesmo modo, merece atenção o fato de que alguns de seus argumentos, podem parecer tendenciosos ou seletivos, uma forma unilateral de ver a fé professada pela Igreja secularmente na prática cotidiana.

Sendo assim, tentaremos contribuir com essa rica discussão, partindo do argumento central do livro, apontado pelo próprio autor, ao que chama de "crise da Igreja", de que "a Igreja declina, porque a fé declina" (BOFF, p. 21). Em seguida tentaremos discorrer sobre os possíveis problemas oriundos de uma seletividade intelecto-espiritual no argumento intitulado "ambiguidade epistemológica" (BOFF, p. 82) sobre o fundamento de tal teologia atual.

Diante de um cenário hoje dividido e por vezes inferido por pensamentos ideológicos externos a fé, é bom deixar evidente, já de pronto, que não é nossa intenção defender ou condenar uma corrente de pensamento. Apenas ajudar na discussão tendo como ponto de partida o escrito do professor Clodovis, a quem muito estimo e tive a honra de ser seu aluno no curso de graduação teológica. Um mestre na arte de ensinar.

## 1. O argumento primário – o problema eclesiológico

*O Senhor cada dia lhes ajuntava outros  
(At 2,47)*

De acordo com o frei Clodovis, “a Igreja declina, porque a fé declina” (BOFF, p. 21). O que podemos arguir de tal afirmação? Levando em consideração o “declínio” da Igreja, seria mesmo esse por causa de um declínio de fé?

De acordo com o professor sim. O declínio de fé por parte da Igreja a leva a uma perda de fiéis que segundo ele, acontece devido ao abandono de seu fundamento central, a fé em Cristo. Devo discordar.

A profissão de fé da Igreja, construída ao longo de séculos é clara, firme e irrevogável. Garantidora de unidade e segurança para todo o fiel que adentra a vida em Cristo e na Igreja pelo batismo. O credo apostólico ou o niceno-constantinopolitano assegura um reto caminho de clareza da fé da Igreja que se desdobra na vida cotidiana do crente. Ao afirmar “creio em Deus Pai todo poderoso, [...] em Jesus Cristo [...] e no Espírito Santo”, encontramos o fundamento trinitário de nossa experiência com Deus Trino, nossa filiação e adesão ao Deus único. Ao professarmos “creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica” (cf. MISSAL ROMANO, n. 15), asseguramos que essa experiência religiosa se dá em um lugar definido, seguro e concreto, a barca de Pedro.

Desse modo, afirmar que a crise da Igreja é oriunda de um declínio de fé da mesma, não me parece plausível. Pode até acontecer, dos membros da Igreja colocarem de lado o testemunho da fé professada, mas não a Igreja como instituição, “Corpo místico de Cristo” (LG, n. 7). Essa, por sua vez, como ensina João Paulo II, é a garantidora do *depositum fidei*, pois, “guardar o Depósito da Fé é missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos” (FD, n. 1).

O que se discute aqui é se o dito “declínio” é de fato da Igreja ou de seus membros. Quando o Concílio Vaticano II afirma que a Igreja é “povo de Deus” (LG, n. 9) faz uma inclusão não apenas de linguagem, mas sobretudo de conteúdo. Se até antes do Vaticano II o povo parecia parte secundária da estrutura da Igreja, a partir dele passa a ser parte integrante. Isso significa que não apenas a hierarquia é Igreja, mas todo batizado é membro do Corpo de Cristo e por isso mesmo, “todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles” (LG, n. 7).

A partir de tal concepção vê-se que a Igreja é santa por natureza e pecadora por seus membros. Como instituição santa, a Igreja não pode declinar, uma vez que seu fundamento é Cristo. Seu alicerce é a garantia segura de toda uma construção que não depende da vontade humana, mas sim, e unicamente, do querer divino, que quer valer-se do humano, pois, “cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus” (LG, n.3), por Sua vontade onipotente.

A meu ver, o problema apresentado pelo professor, do dito “declínio da Igreja”, não reside no “declínio da fé”, mas sim, **na adesão consciente e livre** a fé da Igreja.

Sob o ponto de vista bíblico, no Novo Testamento (NT), lê-se que os primeiros cristãos abraçavam a fé pela via da pregação da palavra e pelo testemunho de vida, por convicção, o que suscitava novos membros na fé para a Igreja nascente. Os relatos bíblicos atestam esse fato, de modo evidente, nos Atos dos Apóstolos (2,41-47; 4,4; 6,1.7; 8,6; 12,24).

Ao longo da história da Igreja, parece que os fiéis, deixaram de aderir a profissão de fé católica por livre vontade e convicção em busca do Salvador e da salvação, para assumir um fé por conveniência, necessidade e satisfação. Porém, seus interlocutores catequéticos não transmitiram o querigma cristológico do evangelho, mas a necessária obrigação de se ter uma religião. Talvez, ao agirem desse maneira, nem sabiam o que isso significava devido uma falha na própria formação bíblico, eclesial e catequética, o que precisa de correção ainda hoje.

Somado a tudo um processo de secularismo, relativismo, consumismo, individualismo etc., torna-se um problema eclesial a médio e longo prazo essa falha formativa do povo católico. Nas palavras do papa Francisco, falta uma “adesão mística da fé num cenário religioso pluralista” (EG, n. 70), o que só pode acontecer a partir de uma adesão consciente e livre de cada indivíduo a fé da Igreja.

Sendo assim, são necessárias constantes adaptações no modo de anunciar a mensagem evangélica, o querigma a diferentes povos, culturas e tempo. Tais adaptações, como ensina o Concílio Vaticano II são necessárias, uma vez que as transformações do mundo exigem respostas, para nós cristãos, à luz de Cristo, para os desafios sempre novos, pois, “as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja [iluminar o mundo com a luz de Cristo], para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo” (LG, n. 1).

De acordo com a lógica do professor Clodovis, “se a Igreja hoje declina, é porque se inclina para o mundo, afastando-se de seu centro: a fé viva no Cristo vivo” (BOFF, p. 21). Parece evidente na percepção do professor, que a barca de Pedro está pendendo para um único lado, o mundano.

No meu irrisório modo de ver, essa mesma barca segue seu curso enfrentando os ventos contrários que sopram sobre ela de diversos lados. Sem a presença de Cristo, não há possibilidade de navegação, de rumo ao um porto seguro. Ela já teria naufragado. A sua presença garante a segurança, mesmo que não pareça de imediato, em meio ao medo do naufrágio (cf. Mc 4,35-41).

Ao contrário do que muito se prega hoje, em vários púlpitos dentro e fora da Igreja, o mundo não é o inimigo, mas sim, na concepção de Jesus, o lugar do anúncio: “ide pelo mundo” (Mt 16,15). Nele a comunidade de cristãos encontra diversas formas de pensamento e ações, muitas contrárias aos valores do evan-

gelho. É nesse lugar de contradição, nesse areópago que se deve apresentar, assim como são Paulo, “o Deus desconhecido” (At 17,23).

Mesmo que negado por muitos, o dever da Igreja é de testemunhá-Lo com viva força do Espírito Santo. Imposições não fazem parte do anúncio, como muito se viu ao longo da história eclesial, não surte efeito verdadeiro de transformação, de conversão (cf. AG, n.13). O mundo, com toda sua contradição não deixa de ser obra de Deus e a modernidade, assim como cada tempo cronológico na história, sopro do Espírito Santo transformador.

Ao afirmar que a Igreja se afasta de seu centro, que é Cristo, o professor faz vir à tona uma real preocupação, a centralidade da fé. Como ele mesmo diz, “longe de ter desaparecido [...], a fé em Cristo continua a ser referencial para a Igreja. Mas a pergunta decisiva é se a fé em Cristo é a sua referência central, principal, determinante” (BOFF, p. 22).

Parece claro que na percepção do autor, Cristo é fonte inspiradora da Igreja, isso não é o problema. A dificuldade estaria na referencialidade objetiva e clara para o fiel. Nesse ponto ele está correto! Não basta Cristo ser o fundamento do edifício da fé cristã, faz-se necessário que esse fundamento seja visível, esteja apresentado de forma clara e primária, nunca de forma obscura e secundária. Se assim o fosse, seria, o que o professor denomina “funcionalização da fé” (p. 23), ou seja, o uso de Cristo, da Escritura como elementos de apoio a causas da sociedade em primeiro lugar, tendo Cristo como um adorno, ou mesmo como causa pessoal onde o mais evidente é o indivíduo narcísico, que age sob a regência de um “mundanismo espiritual”, como diria o papa Francisco (EG, n. 95), buscando um exibicionismo ou personalismo em sua prática religiosa.

Contudo, é necessário distinguir aqui a profissão e ensinamento de fé da Igreja, firmada nas Escrituras e na Tradição, do contratemunho da fé de seus filhos, que passa pela *conscia ratione credentis*, ou seja, pela razão consciente do fiel ao assumir a fé recebida no batismo. Quando - já no século IV, começando por Constantino e consolidando-se com Teodósio em fevereiro de 380 - a fé passa a ser imposta pelo imperador, a partir de sua conversão ao cristianismo, a consciência cristã muda e se dilui em uma falsa conversão. De acordo com Teodósio, “todos os nossos povos devem aderir à fé transmitida aos romanos pelo apóstolo Pedro”, sob pena de desobediência e punição, pois, “desses se vingará Deus e nós também” afirmava Teodósio. Assim, “todos os povos do Império *deveriam aderir à fé cristã*, isto é, à do imperador, segundo uma concepção que [...] nada tinha que ver com a doutrina moderna da liberdade das consciências” (ROPS, p. 572).

Desse modo, fica claro que o argumento central do professor, tem sua razão de ser enquanto relembra e afirma a centralidade da fé da Igreja em Cristo Jesus, ponto inegociável para a fé católica e que não pode ser deixado de lado na práxis eclesial e na teologia, seja argumentativa ou pastoral. Porém, necessita de cuidado quando posta a premissa do “declínio da Igreja”, uma vez que essa mesma Igreja tem seu alicerce na pessoa do próprio Filho de Deus. Daí a necessidade de se relembra, que o próprio Cristo evidencia uma promessa eterna,

que independe de quantitativo, de que na Igreja fundada por Ele, “as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,18).

Ao longo dos primeiros séculos, o florescer da Igreja vai se dando pela assistência do Espírito Santo (At 9,31; 10,44). Sua difusão tem como base o ouvir a inspiração do Espírito (At 13,2-4) e a pregação da Palavra como o Novo Testamento atesta. É igualmente nesse período do florescer da Igreja, que muitas perseguições vão se consolidando frente a mensagem propagada pelos discípulos ou diante da nova realidade da Igreja em expansão. Não se pode negar, que os primeiros séculos da Igreja foram marcados por perseguições contra os cristãos, mas também, pela multiplicação dos mesmos, fazendo valer a conhecida frase de Tertuliano: “o sangue dos mártires é semente pra novos cristãos” (APOLOGÉTICO, 50). Isso por causa do exemplo que davam da fé que professavam, suscitando o desejo de adesão livre e consciente a Cristo Jesus e sua comunidade eclesial.

Vê-se, a partir daí, que a Igreja de Cristo, fundada sobre os apóstolos desde seu início traz consigo a “crise”, como elemento de transformação interior, mas, acima de tudo, como convite a perseverança na verdadeira doutrina, o que pela imposição do objeto professado, o evangelho, não pode acontecer, a deixando volátil e fragilizada diante das constantes situações do mundo em contínua transformação. Não se pode negar que mesmo diante desse modo impositivo de se aplicar o evangelho, muito se converteram de verdade, dando um atestado testemunho de fé.

Sendo assim, urge uma diferenciação, ao falar de crise da Igreja, entre adesão e imposição da fé. Muitos deixam sua prática religiosa hoje, não porque as tinham como convicção de vida, mas, como imposição por uma transmissão religiosa que nunca lhe falara ao coração. Em outras palavras, ninguém sai de onde nunca entrou de verdade.

## **2. Argumento seletivo – o problema epistemológico**

*Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo (1Cor 3,11)*

Quanto a afirmação de São Paulo aos coríntios, citada acima, não há dúvidas. Jesus Cristo é o fundamento de toda existência cristã, nascida nas águas do batismo, para todo novo filho do Altíssimo, bem como é o fundamento de tudo o que existe, uma vez que “o Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história” (RH, n.1).

Desse modo, ao fazer a crítica a teologia da libertação, o frei Boff evidencia, sob seu ponto de vista, uma inversão metodológica da mesma. Para ele, ela usa Cristo como canal, mas não como princípio epistemológico, como fundamento. De acordo com ele, “a ‘opção pelos pobres’ seria seu eixo ou centro epistemológico” (BOFF, p. 82), o que à luz, tanto da teologia, como do magistério eclesial se

caracteriza como um erro grave de interpretação evangélica. De acordo com o Vaticano II: "Cristo, [...] é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação" (DV, n. 2).

De fato, ao ouvir o discurso, e em muitos adeptos a TdL, a prática aplicada dessa proposta teológica, estranha-se a pouca presença de terminologias como "alma", "anjos", "céu", "pecado", etc., ou ainda temas claramente ligados a uma teologia mais metafísica, ou transcendente. Isso não significa afirmar que o princípio fundamental da fé cristã, ou seja, Cristo, está ausente. Pelo contrário, justamente por acentuar uma faceta de Cristo encarnado na história e na humanidade, é que é possível se construir um discurso teológico que olhe e dê lugar ao pobre, como privilegiado do Reino de Deus, uma vez que na história da salvação, Deus "viu e ouviu o clamor de seu povo por causa de seus opressores" (Ex 3,7), interveio por meio dos profetas até se dá a realização plena na encarnação do Verbo, Jesus (Jo 1,14), "rosto humano de Deus e rosto divino do homem" como afirmou o papa João Paulo II (ANGELUS, 11/1/2004).

Nessa perspectiva, tanto o professor como os teólogos da libertação convergem para o mesmo lugar, Cristo como fundamento de todo processo teológico, porém, divergem na apresentação dos temas e situações que se propõe a discutir. É importante recordar, que o próprio professor reconhece que os teólogos da libertação têm Cristo como fundamento. Ele próprio diz que "não é que há TdL afirme 'de pés juntos' é a primazia epistemológica dos pobres e de sua libertação. Também não rejeita explicitamente a primazia de Deus e da fé. O que faz problema [...] é uma questão que é capital na esfera do método" (BOFF, p. 83), ou seja, na forma de sua apresentação.

A crítica do professor de que no discurso da TdL o pobre tem a primazia, não está de todo errada. Por mais que se diga que Cristo é o fundamento, muitos, na TdL, o secundarizam em vista de um discurso ideológico histórico-sociocultural, o que deixa evidente a figura de Jesus Cristo, Senhor, em segundo plano. Como alerta o frade: "meus interlocutores teimam em pôr sempre os pobres, vinculados, é verdade, a Cristo, mas não parecem dispostos a declarar, sem mais, Cristo como princípio regente de todo o discurso teológico" (BOFF, p. 131).

A meu ver, é necessária uma correção de linguagem, uma vez que, mesmo não evidenciando a figura de Cristo, em primeiro plano – o que daria maior credibilidade a seu discurso – na concepção da TdL, tudo parte Dele. Porém, para maior credibilidade e verdade do discurso teológico, faz-se necessário, em tempos de fluidez comunicativa e superficialidade discursiva, clareza intelectual do que se ensina. Como diria o papa Francisco: "convém ser realistas e não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos" (EG, n. 34). Para isso, Cristo, precisa ser evidenciado, para que a luta e a libertação dos excluídos faça sentido para o cristão, uma vez que "a evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela" (EG, n. 160).

Nesse aspecto, a crítica do professor Boff, no tocante a linguagem aplicada, está correta, porém, quanto ao fundamento epistemológico, me parece um

argumento seletivo que agrada aos ouvidos de uma parte ideológica de cristãos não dispostos a aceitar a realidade do texto evangélico e toda a mensagem da salvação revelada em Jesus Cristo, no tocante ao resgate da dignidade humana dos filhos e filhas de Deus. De acordo com papa Francisco, “O grande risco do mundo atual, [...], é uma tristeza individualista [...]. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, [...]. Este é um risco, [...], que correm também os crentes” (EG, n. 2).

É bom recordar que se a teologia da libertação é criticada, corretamente, por assumir uma ideológico político-partidária, em muito ligada à esquerda; por outro, vê-se hoje, o mesmo acontecendo com movimentos que acentuam uma corrente teológica carismático-vertical, personalista, é o caso da renovação carismática católica (RCC), de muitas comunidades de vida, associações católicas e grupos afins, que nos últimos anos, abraçaram um estilo político eclesial de extrema direita. Fato é, que ambas as correntes erram ao agirem desse modo seletivo, pois ambos trazem muitos dons e carismas para a edificação da Igreja movidos pelo Espírito (1Cor. 12,4).

É preciso, pois, recordar, que o evangelho não é ideologia partidária, mas sim proposta de salvação para o Reino de Deus. Como afirma Francisco, “o Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio que toca o coração e te faz mudar o coração” (AUDIÊNCIA, 22/2/2023).

Nesse conjunto analítico, parece que o professor se esquece de evidenciar o aspecto ideológico como um todo, levando o leitor a crer que a dita “crise da Igreja” é fruto de uma vertente na Igreja, a TdL. Um erro! Isso fica evidente no próprio título do livro: “*a crise da Igreja católica e a teologia da libertação*”. Do ponto de vista do mercado, assertivo, pois vende e chama atenção! Do ponto de vista teológico e da verdade, falho, pois acentua sob um único aspecto, séculos de transformação e desenvolvimento eclesial, teológico, religioso e social que impactam na vida da Igreja e de cada cristão. Isso precisa ficar claro. Como disse São Tomás de Aquino: “*todos os assuntos tratados na doutrina sagrada [teologia] estão incluídos em Deus, não como partes, espécies ou acidentes, mas como a Ele de certo modo ordenados*” (*Suma Theologica*, Vol. I. q.I. Art. VII).

Assim, também a criticada teologia da libertação atual, em seu propósito e missão de anunciar o evangelho do Reino de Deus e denunciar, ao mesmo tempo as mazelas que criam e oprimem os excluídos, deve procurar fazê-lo sempre sob a ótica de Cristo, que sendo aprisionado e morto, ressuscita para nos dar vida nova, e vida em abundância (cf. Jo 10,10), ao mesmo tempo que desperta a consciência dos cristãos para a vivência e testemunho de sua fé de forma ética e comprometida em um mundo e sociedade que despreza, cada dia mais, o ser humano, imagem e semelhança de Deus, como pessoa possuidora de direitos e deveres. O teólogo, ou a teologia cristã, que não for capaz de entender e ajudar a responder as perguntas e desafios do tempo presente, não compreendeu que a ação de Deus, por meio do Espírito Santo, é sempre contínua, pois, “cada vez mais o papel do teólogo torna-se imprescindível para a vida da igreja da sociedade. Não basta reproduzir doutrinas e fórmulas dogmáticas. [...] Sua missão na Igreja é buscar respostas para problemas novos e velhos à luz da fé e da razão,



em comunhão com a hierarquia” (ZILLES, 2020, p. 163). Deste modo a discussão teológica não pode e nem deve se esconder na sacristia, antes de tudo deve estar no fluxo da sociedade, ajudando em seu crescimento. “Se a fé é condição necessária para fazer teologia, isso não significa que é suficiente. O teólogo deve buscar ‘as razões de sua fé’ (1Pd 3,15), no mundo de hoje, com discernimento crítico” (Ibidem, p163-164), ajudando a Igreja e seus filhos a amadurecerem sempre mais diante dos desafios da sociedade.

## Conclusão

Depois de percorrido o caminho de reflexão a respeito de algumas primícias desenvolvidas por freio Clodovis Boff, na referida obra, fica bom concluirmos nosso ponto de vista destacando alguns elementos importantes. Como a primeira parte da obra o autor trata da análise do que chama de “crise da Igreja”, procuramos elucidar que tal crise sempre se fez presente no desenvolvimento eclesial, desde os primeiros séculos. Falar ou apontar, mesmo de forma indireta, um elemento como sendo a causa de afastamento ou perda de fiéis, por parte da Igreja ao longo do tempo, não nos parece correto, uma vez que, muitas são as causas que hoje levam uma pessoa a abandonar seu caminho de religioso.

Já na segunda parte da obra, ao apontar estritamente uma corrente teológica como sendo a causa de tal distanciamento dos fiéis do corpo eclesial, nos pareceu incoerente, visto que o êxodo de fiéis se dá, a nosso ver, pela falta de uma consciência e verdadeira liberdade na adesão a Cristo e à fé católica.

É fato que ao longo da história da Igreja e no pós Concílio Vaticano II, muitas mudanças se deram na forma de se apresenta a boa nova do Reino de Deus, mas, todas, errando e acertando, tem como base e princípio a pedra angular, Jesus Cristo, único Senhor e Salvador. Para a Igreja, fundamento inegociável.

Desse modo, nos parece evidente que a crise que se vê hoje de abandono de fiéis da Igreja, se dá mais por uma má formação de consciência, por uma falta de perseverança diante dos desafios que são impostos pelo tempo presente, bem como pela falta de testemunho da fé professada por muitos batizados. Tudo isso, e com certeza outros elementos, tem sua raiz, muito mais em uma evangelização impositiva ao longo de séculos, que fora sendo transmitida pela necessidade e “obrigatoriedade” de se viver uma religiosidade, passada de geração a geração, do que de uma transmissão de fé que conduz a uma conversão, mudança de vida, de pensamento e que desemboca em uma prática cotidiana ética e moral, fundada no evangelho.

Sendo assim, falar de uma “crise da Igreja”, insinuando que seria oriunda de uma corrente teológica, que faz parte do *intellectuale corpus ecclesiae*, não deixa de ser equivocada. Ao mesmo tempo, tal reflexão ajuda a reafirmar que o fundamento de toda discussão teológica e sua prática pastora, deve ser sempre Jesus Cristo. E se necessário, cada corrente teológica e prática pastoral deve se readequar, quando necessário a essa premissa, para não se perder diante dos desafios de cada época.

Urge na Igreja, em seu constante processo de reformação e anúncio da boa nova, guiada pelo Espírito Santo, estar aberta a falar ao mundo, primeiro com seu exemplo e testemunho, depois com palavras e reflexões, da mensagem deixada por Cristo. Ao mesmo tempo, levar seu filhos a um engajamento na sociedade, aonde, oração e ação se tornam um só elemento de força testemunhal, como encontramos nos santos e santas na história da Igreja e que devemos nos espelhar no caminho de conversão, unidade e santidade.

## **Bibliografia**

BOFF, Fr. Clodovis Maria; ADORNO, Pe. Leandro Rosera (org.). *A crise da Igreja Católica e a Teologia da Libertação*. Campinas: Ecclesiae, 2023.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*. *Sobre a Igreja*. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Ad Gentes*. *Sobre a atividade missionária da Igreja*. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. *A Alegria do Evangelho*. *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2019.

JOÃO PAULO II. *Constituição Apostólica Fidei Depositum*. Para a publicação do Catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Vaticano II. 11 out 1992. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_19921011\\_fidei-depositum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html). Acesso em: 12 set 2023.

MISSAL Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do papa Paulo VI. Tradução portuguesa da segunda edição típica para o Brasil realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

PAULO II, João. *Angelus*. 11/1/2004. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_20040111.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf_jp-ii_ang_20040111.html). Acesso em: 28/9/2023.

PAULO II, João. *Carta aos bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil*. 9/4/1986. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19860409\\_conf-episcopale-brasile.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html). Acesso em: 03/10/2023.

PAULO II, João. *Redemptor Hominis*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_re-demptor-hominis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_re-demptor-hominis.html). Acesso em: 30/9/2023.

ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

TERTULIANO. *Apologia*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0301.htm>. Acesso em: 11/09/2023.

ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2020.